




A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE V: UM CREPÚSCULO EM ORMEN

LU CAVALHEIRO

2022



Uma vez por ano, Rashid some misteriosamente de Acheon. Poucos sabem para onde ele vai, e ao retornar ele nada fala sobre onde estivera. Este ano não será diferente: Rashid partirá mais uma vez na calada da noite para seu destino secreto. O que ele não conta é que, desta vez, ele será confrontado com memórias bem dolorosas de seu passado...

PARTE V: UM CREPÚSCULO EM ORMEN é o quinto da série **A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS**, uma sequência de histórias que revelarão como Rashid lidará com a tal conspiração e com os segredos de seu passado.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar mutilação implícita e violência implícita e explícita.

A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

PARTE V: UM CREPÚSCULO EM ORMEN

Uma história curta de duas tragédias pessoais em um mundo de fantasia árabe

Lu Cavaleiro

2022

Texto licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual
CC-BY-SA 4.0 Internacional

DADOS DA PUBLICAÇÃO

Série: A CONSPIRAÇÃO DAS MOEDAS

Título: PARTE V: UM CREPÚSCULO EM ORMEN

Ano de publicação: 2022

Autoria, revisão e diagramação: Lu Cavalleiro

Artes:

- **Capa:** cattan2011, licença CC-BY 2.0 (<https://www.flickr.com/photos/68166820@N08/48731100776/in/photostream/>)
- **Quarta capa:** Domínio público (<https://pxhere.com/en/photo/1201293>)

Licença: *Licença Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual CC-BY-SA 4.0 Internacional* (https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR)

Ano de publicação: 2022

Este conto é uma obra de ficção baseada em uma versão fantasiosa da cultura do mundo árabe anterior ao Islamismo. Em momento nenhum esta obra pretende ser desrespeitosa com nenhum elemento cultural ou histórico de uma civilização fascinantemente rica quanto esta. Quaisquer coincidências com a realidade serão meras coincidências. Sociologicamente sombrias e preocupantes, mas meras coincidências.

Conto não recomendado para menores de 14 anos, por retratar mutilação implícita e violência implícita e explícita.

UM CREPÚSCULO EM ORMEN

Para Rashid al-Samet, membro da *Guilda dos Mercadores* e Comandante dos *Ouvidos do Sultão*, sair de Acheon normalmente equivalia a mais uma viagem pela *Rota do Poente*, um corredor comercial que unia o *Sultanato de Acheon* a vários reinos do oeste, em um roteiro que facilmente levaria o observador das maiores atrocidades da Idade das Trevas para as visões quase fantásticas da Idade Dourada da humanidade. Normalmente ele saía em sua caravana, apelidade de *Peregrino da Alvorada*, com sua sócia, a Qarim conhecida como Baatik, e passava meses fora. Quando voltava, os compartimentos de carga estavam cheios e transbordando com a promessa de centenas de *falcões* para os bolsos do *Mercador*.

É bastante significativo, portanto, que ele tenha planejado sair da cidade usando nome falso e seus contatos na Guilda para viajar para Bessain, vilarejo ao norte de Acheon, da maneira mais discreta e silenciosa possível. Não era a primeira vez que ele sumia assim. Na verdade, ele fazia isso uma vez por ano sempre que podia, e não avisava nada nem ninguém de fora dos *Ouvidos* que iria se ausentar por tempo indeterminado em direção a algum lugar totalmente ignorado por qualquer pessoa que não fosse ele. Mesmo sua sócia só descobria sua ausência dias após sua partida, e nenhuma pessoa sabia mais da vida de Rashid que ela.

Quando se aproximou a data naquele ano, o que acontecia normalmente no fim do outono, Rashid passava algumas instruções para os demais *Ouvidos*, e somente eles tinham alguma pálida ideia dos planos do *Mercador*. Era necessário que ele agisse assim, pois, como Comandante dos *Ouvidos*, ele era o responsável por

coordenar as atividades da agência de inteligência no *Sultanato*. Precisava escolher uma pessoa para responder pela agência durante sua ausência, deixar diretrizes de ação e julgar outros detalhes de ordem mais técnica. Normalmente, escolhia um agente experiente como substituto eventual, como Tariq Shaleesa, o vendedor de bijuterias e receptador de mercadoria roubada na *Praça do Mercado*, ou Mansur ibn Jafar al-Téheran, um dos chefes da máfia de transportes e logística em Acheon, mas daquela vez preferiu escolher Minu Istari, a jovem *Ouvindo* que por boa sorte detinha o monopólio do transporte de certos tipos de alimentos derivados da atividade pesqueira de Isfahan e era perdidamente apaixonada por ele. Não havia, porém, nepotismo em sua decisão: na verdade, Rashid queria testar qual era a capacidade de Minu como membro da agência, e assim a colocou na liderança para saber se ela tinha o estofo de um bom *Ouvindo*.

A véspera da data marcada para a viagem naquele ano foi particularmente complicada para ele. Delia, inocentemente, havia preparado uma surpresa para seu amante, um dos pouquíssimos homens pelos quais ela sentiu algo no peito, surpresa essa que incluía deixar seus deveres como administradora e responsável pelo *Mundos Distantes*, a casa de prazeres situada na Alameda dos Jasmins, e passar a noite e o dia seguinte com ele. Rashid, por sua vez, sabia que não poderia recusar a presença da *Cortesã* em sua casa, o que levantaria suspeitas, mas também que a tal surpresa aumentaria exponencialmente as dificuldades para sair de madrugada sem ser notado. Seus planos não tinham espaço para uma margem de erro muito grande, pois sairia de madrugada de Acheon e usaria um transporte terrestre providenciado por Mansur para chegar em Isfahan e de lá partir anonimamente para Bessain. Essa, aliás, foi a outra razão pela qual ele nomeou Minu como sua substituta, pois obrigaria a *Ouvindo* a sair de sua casa em Isfahan e permanecer em Acheon, bem longe de sua viagem. Porém, ao chegar na casa de Rashid, no segundo andar do sobrado em que funcionava o *Rota da Seda Importações e Exportações Limitada*, seu próprio negócio e localizado em frente ao *Mundos Distantes*, Delia sentiu-se indisposta e anunciou que iria apenas dormir e deixar a surpresa para o dia seguinte. Rashid não protestou.

Desimpedido por essa pura serendipidade, ele saiu de seu quarto onde Delia e ele dormiram juntos e silenciosa e discretamente encaminhou-se para a porta lateral do sobrado. Ali, encontrou Mansur a aguardá-lo com um de seus riquixás mágicos já preparado. Rashid acomodou-se no banco de trás do veículo, pintado de preto e com cortinas para proteger a privacidade dos ocupantes, e permitiu-se ser conduzido até Isfahan no mais absoluto silêncio. Foi apenas ao raiar do dia, já quase chegando ao seu destino, que ele se permitiu romper o silêncio, “Você já perdeu a coisa mais valiosa da sua vida, Mansur?” Pego de surpresa, o outro *Ouvindo* esbravejou, “Mas que diabo de pergunta é essa, Rashid?” O *Mercador* não respondeu, mas voltou sua atenção para a janela do veículo em direção a algum ponto perdido no horizonte. Mansur freou o riquixá e virou-se para trás, e Rashid explicou, “Eu estava pensando na minha vida, Mansur. Nas coisas que me aconteceram.” Como sabia que Rashid não falaria se não fosse incentivado, Mansur se viu em um dilema curioso. Sabia que era fácil fazer o *Mercador* falar, assim como sabia que era *quase impossível* fazê-lo parar de falar. Rashid engoliu em seco, parecia melancólico, e Mansur pensou que ele estivesse pensando em algo relacionado à solidão, pois mais de uma vez ouvira dele reclamações sobre já ter passado da hora de se casar. “Você tem Delia, Minu e Baatik”, disse Mansur em um tom meio amistoso, meio irônico, “é uma simples questão de escolher, não acha?” Rashid acenou com a mão como se espantasse algum inseto incômodo antes de responder, “Não é isso, Mansur. Falo de perder a coisa mais valiosa da sua vida. Nunca fui casado com nenhuma delas, então não posso perder o que eu nunca tive.” Mansur suspirou entediado, “Você tem andado muito com o Emir, Rashid. Vá comer umas putas, faz bem nessas horas”, e riu. Rashid riu junto, sem se sentir convencido, e não quis insistir no assunto, pois já estavam em seu destino.

A *Praça do Mercado* em Isfahan não tinha a mesma magnificência da de Acheon. Havia menos lojas e armazéns, os prédios pareciam menores e mais gastos, e o volume de pessoas e veículos não era tão impressionante assim. Entretanto, encontrava-se o mesmo esmero e paixão pelas facilidades mecanomágicas, o mesmo movimento de cargas, a mesma sensação de se estar unindo os Mundos Conhecidos pelo comércio. Usando o nome falso de Abdul al-Hazred, Rashid não teve

dificuldades para arranjar um transporte para Bessain, ironicamente como passageiro de classe econômica em uma dos transportes de Minu Istari que levaria uma carga de peixes salgados para os lados de Bessain. Antes de embarcar, ele observou como o *Olho Escrutinizante* do *Bem-Amado* tingia de dourado e azul os céus e as águas do Mar Tabaristão, e o cheiro de maresia despertou nele a mesma melancolia, a mesma nostalgia que sentia todas as vezes em que fazia essa viagem. Ele se despediu de Mansur, pediu para que ele cuidasse de Minu e embarcou no transporte, ainda pensando na pergunta que fizera ao seu colega de agência.

* * *

Há dezesseis anos, o jovem Rashid al-Samet, filho do Califa Abdallah ibn Rahimat al-Fashid de Bessain, retornava de sua jornada pela *Primeira Montanha*, uma tradição da nobreza do *Sultanato* de mandar seus jovens sob nome falso e sem nenhum recurso além de seus raciocínios e línguas para uma jornada pelos Mundos Conhecidos. Após viajar por praticamente todo o *Sultanato* e os estranhos reinos a oeste e norte, o então adolescente sentia-se mais do que feliz por voltar ao Palácio de Ormen, a residência de sua família.

Ormen era um daqueles lugares em que a natureza e a intervenção humana foram tão harmônicas entre si que era impossível distinguir uma da outra. Localizado em um pequeno promontório sobre um rio razoavelmente largo não muito distante de Bessain, Ormen era um palácio de arenito e mármore com detalhes em electro e prata, com amplos salões decorados pela mais fina tapeçaria e pelos arabescos mais rebuscados e detalhados de todo o *Sultanato*. Seu pai era um homem austero, mas que se permitia exibir em sua morada todos os sinais de ser um nobre próspero e irmão do Sultão Hakim al-Suleiman, o regente do *Sultanato*. Seus filhos mais velhos já eram casados com os filhos de um importante nobre de Acheon, o Emir Hassain al-Basham, e os mais novos eram todos partidos promissores. Mas o detalhe que mais se marcou na memória de Rashid foi o pôr-do-sol como visto do pátio dos fundos do Palácio de Ormen, virado para o promontório, um espetáculo de vinhos e púrpuras e dourados se derramando dos céus para

o rio pontuados pelo roxo mais escuro das sombras do promontório e do próprio palácio sobre as águas.

Ao retornar, Rashid foi recebido por seu pai como um homem feito e membro pleno da Casa al-Fashid. Em uma cerimônia cuidadosamente preparada, que contou com a presença de seus irmãos mais velhos e seus cônjuges, do Emir Hassain al-Basham e do próprio Sultão, o Califa Abdallah o concedeu o título de *Bei*, para o orgulho e alegria de todos ali presentes. O próprio Sultão dedicou algumas palavras para o agora Bei Rashid al-Samet ibn Rahimat al-Fashid de Bessain, exortando-o à virtude e apontando-o como exemplo para juventude. Tudo parecia maravilhoso para o jovem Bei, maravilhoso demais.

Houve festa, e todos os convidados à cerimônia de sagração descobriram como o bom gosto e refinamento dis al-Fashid e os excessos dos al-Basham combinavam muito bem nessas horas. O Sultão apresentou suas desculpas por não poder permanecer, mas pediu que continuassem as comemorações sem ele e não se envergonhassem por isso. Foi durante a festa que Rashid conheceu uma das filhas do Emir, uma garota de sua idade, de pele dourada mas pálida como se nunca se expusesse ao *Olho Escritinizante* do *Bem-Amado*, cabelos pretos longos e bem cuidados e na época já com mais de seis pés de altura. Seu nome era Nasira al-Basham, e Rashid se sentiu à vontade com a inteligência, a astúcia e a sagacidade dela. Nasira achou o jovem de pele morena, cabelos pretos e cinco pés e uns bocados de altura curioso ao seu modo, e gostou de ouvir várias das histórias que ele tinha para contar dos mundos que visitara. Mais de um conviva percebeu como os dois pareciam se entender bem.

Convenientemente, algum tempo depois após a saída do Sultão, o Califa Abdallah pediu a palavra e a atenção de todos, e cerimoniosamente anunciou o casamento de Rashid, seu filho, com a filha do Emir Hassain al-Basham, a jovem Nasira. Felicitações e elogios aos pais dos noivos foram urrados pelos convivas nos salões de Ormen, e o orgulho e o prazer iluminaram a face de Nasira. Para Rashid, porém, o anúncio parecia inseri-lo em um de seus piores pesadelos. Em suas viagens, ele teve a oportunidade de conversar com muitos homens e mulheres livres,

alguns até republicanos, mas todos firmes defensores da liberdade de uma pessoa fazer o que ela bem quisesse na vida. Por que ele um nobre, uma pessoa cujo discurso oficial dizia ser bem nascida e dotada de todos os direitos, não poderia fazer uma escolha tão simples quanto com quem se casaria? Nasira não lhe pareceu uma má pessoa, mas a conhecera naquele dia, era simplesmente cedo demais para pensar em se casar com ela. Ela, por sua vez, parecia apreciar a situação, e parecia estar gostando de ter sido alçada ao centro das atenções.

Os dias seguintes foram torturantes para Rashid. O casamento fora anunciado para uma semana após a festa de sua sagração como Bei, mas bem poderia ter sido sua condenação para morte que o estado de seu espírito seria o mesmo. Por duas vezes ele tentou argumentar com seu pai, e foi rechaçado friamente nas duas. Isso simplesmente não pareceu correto a Rashid. Ele não poderia escolher o que ele queria ser na vida? Nasira não poderia escolher? Se bem que ela estava gostando, e provavelmente deveria apreciar que dissessem a ela qual hora falar e em qual momento ir ao banheiro. Não queria desobedecer seu pai, uma pessoa a quem admirava profundamente, mas não achava ser correto essa história de casamentos arranjados. Ele lembra de ter conversado mais de uma vez com seu tio Ibrahim ibn Mahmoud al-Fashid sobre isso, que parecia ser um hábito desprezível mas comum entre nobres, e ele o garantiu que se precisasse de alguma ajuda nesse sentido bastaria procurá-lo na *Academia das Guildas* em Acheon. O jovem Bei pensou se deveria fugir de casa ou não, mas não conseguia se decidir por um curso de ação, e a indecisão o torturava.

Na noite da véspera do casamento, Rashid teve um sonho estranho. Não foi bem um sonho, foi mais uma visão. Nela, uma figura se identificando como Munir ibn Tarif, o lendário fundador da Casa al-Fashid, o ordenou a levantar-se e abandonar Bessain na calada da noite para procurar os defensores da República, os verdadeiros amigos de Rashid, em Acheon. Rashid acordou ensopado de suor, confuso e quase em pânico. Ele se levantou no susto, e ao seu lado encontrou vestes de peregrino e uma bolsa com algum dinheiro. Seu quarto estava trancado por dentro, não havia como aqueles itens terem sido depositados ali por algum criado

ou outra pessoa. Entendendo aquilo como um sinal divino e uma validação da mensagem recebida em seus sonhos, ele embarcou para Acheon na calada da noite.

O casamento havia sido marcado para o amanhecer, e seria celebrado na capela do Palácio de Ormen. Nasira estava mais belíssima que o possível em seu vestido de noiva tomara-que-caia branco gelo com cristais imitando flocos de neve e longas luvas de seda na mesma cor, e ela segurava um lindo buquê de rosas vermelhas, suas favoritas. O pai e irmãos de Rashid estavam em vestes formais tradicionais do *Sultanato*, enquanto o Emir Hassain al-Basham era o exemplo vivo de como a extravagância nem sempre significa exagero em suas vestes levemente inspiradas nas dos sultões das lendas – e para sua sorte aquele era um dos raros tons quase frios em Bessain. Nenhum deles ficou particularmente feliz quando descobriu que Rashid havia desaparecido sem deixar rastros: o Emir foi dominado por toda a fúria dos Mundos Conhecidos, Nasira chorava se sentindo rejeitada, e o Califa deserdou seu filho no ato.

Por sua vez, Rashid foi para Acheon em busca de seu tio Ibrahim. Foi só depois de alguns anos que ele soube dos planos de seu pai. O Califa Abdallah al-Fashid havia se aliado ao Emir Hassain al-Basham para conseguir dar um golpe de Estado e derrubar o Sultão do poder, e o Califa ganharia terras mais próximas a Acheon em troca. Os *Ouvidos do Sultão* descobriram a trama, e o Sultão baniu o Califa, o Emir e todos os seus filhos, menos Rashid, que por ter sido deserddado e estar desaparecido não poderia ser parte do esquema. Mais tarde, já graduado como *Mercador*, Rashid se apresentou ao Sultão para perguntar sobre sua situação. Magnânimo, o Sultão permitiu que ele vivesse e atuasse no *Sultanato* desde que nunca reclamasse para si o título ou o palácio do pai e se juntasse aos *Ouvidos*, e o *Mercador* concordou com os termos.

* * *

Já em Bessain, após algumas semanas de viagem, Rashid tomou algumas providências para impedir que outros mercadores o reconhecessem ou pudessem acompanhar seus passos de Acheon até ali. Adotou outro nome falso e não se hos-

pedou em lugar nenhum, mas fez sua refeição em uma cantina barata para trabalhadores de Bessain e caminhou a esmo pelo *Grande Mercado*. Se a *Praça do Mercado* em Acheon era a *Joia Pristina* da cidade, a *Coroa do Sultanato*, o *Grande Mercado* em Bessain era a epítome da grandiosidade, do esplendor e da complexidade e ambiguidade do *Sultanato* em todos os seus aspectos. Estendendo-se por uma área maior que muitas cidades, o *Grande Mercado* era um emaranhado de ruas, vielas, lojas e tendas nas quais tudo era vendido, tudo era comprado e o transeunte não acostumado com seu burburinho, com seus aromas e com seus malandros deveria vigiar até mesmo seus dentes constantemente. Rashid sabia não poder ocultar sua presença dos *Ouvidos* locais, corpo do qual ele também fazia parte, e por isso nem tentou. Ele imaginava que seu hábito de viajar em segredo para Bessain uma vez por ano já havia sido notado por seus colegas de ofício em Bessain, e se o Sultão nunca ordenara nenhuma medida contra sua presença, é porque ela era de algum modo tolerada.

Depois de caminhar um pouco pelo *Grande Mercado* ele se sentiu confiante para seguir diretamente para o Palácio de Ormen, a antiga residência de sua família. Ainda não era a quarta hora do dia e o palácio não distava mais do que se algumas milhas da cidade, mas, como não pretendia contratar um serviço de transporte para chegar até lá, precisava começar caminhar logo se quisesse chegar a tempo para ver o pôr-do-sol – talvez pudesse sair um pouco mais tarde se seu físico não fosse tão prejudicado pelos excessos constantes. Ele aproveitou para comprar alguns presentes para Baatik, Delia, Fatima e Minu, as únicas mulheres que eram de fato significativas em sua vida, além de água e algo para comer durante a caminhada.

A estrada para Ormen era bem pavimentada, um trabalho primoroso e testemunho do esmero de um passado do qual o *Sultanato* se beneficiava e que se recusava a ser apagado pelos reacionários, pela decadência da sociedade ou pelo tempo. A pavimentação era feita usando uma técnica antiga, chamada macadame prensado à água, mas era eficiente para toda sorte de veículo que trafegasse por ali. Havia alguns bancos de madeira sob árvores frondosas a intervalos regulares,

provavelmente pensados para pessoas como ele, que não estavam em boa forma física mas mesmo assim pensavam em cobrir aquelas poucas milhas caminhando.

Rashid calculara bem seu tempo de caminhada, pois chegou ao Palácio antes do cair da tarde. Aos pés do promontório havia uma vila, um lugarejo pitorescamente dedicado ao comércio visto que a estrada se prolongava para outros centros urbanos do *Sultanato*, comprou uma vela imensa, dessas usadas em cerimônias pascais e que duraria mais ou menos um ano, e óleo para lamparinas. Pagou pelo uso de um quarto de hospedagem por uma hora a fim de banhar-se e sacudir a poeira da estrada, comeu uma refeição preparada em uma cozinha e que não envolvesse sementes ou carne seca, e descansou um pouco.

Próximo ao fim da jornada do *Olho Escrutinizante do Bem-Amado*, Rashid empreendeu a caminhada para o Palácio de Ormen. Não levaria mais do que meia hora, e o caminho calçado com paralelepípedos era margeado por arbustos que um dia haviam sido bem podados mas agora cresciam selvagens e dependentes do humor do clima. Rashid se deteve no portão para procurar uma chave em seus bolsos, a mesma chave que ele usara para fugir dali há dezesseis anos. O portão, um trabalho de bronze incorruptível cuidadosamente trabalhado de modo a lembrar videiras, abriu-se da mesma forma que sempre se abria, leve e sem rangido, e respeitosamente Rashid entrou em sua antiga residência. Como havia algum tempo antes do pôr-do-sol, ele caminhou pelos jardins e gramados da entrada principal, lembrando o que costumava crescer em cada canteiro e cada traquinagem de infância que ele praticara ali. Ele parou em frente à fonte do jardim, agora uma bacia de pedra seca e rachada pelo sol inclemente de Bessain, e deixou que a nostalgia e a melancolia dominassem seu espírito.

Em sua distração, uma voz feminina o alcançou de surpresa. “Ponho diante de ti meus sonhos”, disse a voz, “e faço deles uma estrada de ti até mim. Mas cuidado, pois estás a pisar em meus sonhos!” Rashid virou-se sobressaltado e se assustou de verdade ao reconhecer Nasira al-Basham caminhando em sua direção. Ela estendeu as mãos espalmadas à sua frente, o gesto universal da paz, e caminhou até se escorar na fonte ao lado do *Mercador*. “Não quis assustá-lo, Rashid”,

e respondeu à pergunta formulada claramente pelos olhos dele, “Todo ano venho aqui. Imagino que este palácio devesse ser um dos lugares mais lindos dos Mundos Conhecidos em seu auge.” Rashid concordou silenciosamente com a cabeça. “Venha”, disse ela oferecendo-lhe a mão, “vamos ver o pôr-do-sol juntos no promontório. Isso é a coisa mas bela de todos os Mundos Conhecidos com folga.” Rashid tomou a mão oferecida e não recusou o convite.

Eles caminharam silenciosamente até o pátio dos fundos do Palácio de Ormen, que se abria para o promontório. A hora crepuscular se avizinhava célere, e já derramava suas cores mágicas e especiais sobre toda a cena que eles podiam ver. Rashid sentou-se na grama e Nasira o acompanhou, passou o braço pelos ombros do *Mercador* e apoiou sua cabeça na dele. Hoje ela era quase dois pés mais alta que ele, mas os olhos continuavam azuis e a pele, dourada mas pálida, quase refletia os matizes avermelhados e púrpuras dos últimos minutos do dia. Eles assistiram em silêncio o quadro cuidadosamente pintado com muitos tons de vermelho e púrpura pelas nuvens e luminosidade extinguindo-se lentamente, com largas pinceladas de roxo quase preto conforme as sombras se estendiam do promontório para o rio. Nasira parecia realmente comovida, sua respiração cautelosa como se um movimento errado de seus pulmões pudesse destruir toda aquela beleza.

Ficaram imóveis e quietos até que a noite se erguesse sobre Bessain. As estrelas, tão familiares a Rashid apesar de tanto tempo sem vê-las, desenhavam as mesmas constelações de tantos anos antes. Ele suspirou casualmente, “Parece que foi ontem.” “É”, ela concordou, “parece que foi ontem, Rashid.” Ele comentou, “Parece que foi ontem, e você ainda está com a aparência daqueles dias”, e então se levantou e ofereceu a mão para ajudá-la. “Talvez esfrie com o avançar das horas”, ele disse, “e a brisa úmida do rio vai nos deixar doentes. Vamos para dentro.” Nasira se deixou guiar por Rashid, e eles foram de mãos dadas para dentro do palácio.

* * *

Rashid e Nasira foram para o antigo salão de bailes do Palácio, um imenso cômodo circular com pelo menos quarenta jardas de raio e trinta pés de pé-direito

encimados por uma abóbada arredondada. A iluminação das estrelas era insuficiente para que eles pudessem distinguir os detalhes arquitetônicos do palácio, mas eles se lembravam em quais paredes havia arabescos tão requintados que nem mesmo o Sultão tinha iguais em seu próprio palácio, em quais paredes haviam tapeçarias tão finas que valiam mais do que toda a fortuna de um nobre menor, os afrescos da abóbada que narravam de modo altamente simbólico a peregrinação do Profeta, e onde ficavam os sofás e poltronas destinados aos que precisassem descansar os pés. No meio do salão ainda ardia o toco de uma vela muito similar à que Rashid comprou na vila aos pés de Ormen, e o *Mercador* acendeu a vela comprada naquele ano ao lado da que acendera no ano anterior. Depois, ele colocou óleo nas lamparinas usadas como luz de emergência no caso de falha na energia mecanomágica e as acendeu, conjurando sombras bruxuleantes e melhorando um pouco a iluminação do salão.

Nasira se sentou em um dos sofás para duas pessoas, e convidou Rashid para se sentar ao seu lado, ao que ele obedeceu. Ela apoiou o corpo no dele e pôs o braço sobre seus ombros antes de puxar assunto, “Este é o nono dia em todas as nossas vidas em que nos vemos.” Ele concordou com a cabeça. “Sim”, ele sorriu. “Seis deles foram neste palácio há dezesseis anos. Você era de longe a pessoa mais interessante por aqui.” Ela brincou sorrindo, “Sempre ouvi dizer que você se tornou um cavalheiro muito encantador, Rashid, mas não precisa mentir só para me agradar.” Ele virou o rosto para poder olhá-la diretamente nos olhos e disse sem emoção na voz, “Falo sério, Nasira. Lembre-se que não tenho razão para inventar coisas aqui.” Sua expressão ficou séria e ele continuou, “No sétimo dia você comprou uma escrava ilegal bem debaixo dos meus olhos, e no oitavo você estava em Acheon para tramar a queda do Sultão.” Ela sorriu, “Apenas negócios, Rashid, espero que você entenda.” Ele ficou em silêncio, pois de fato entendia.

Eles ficaram mudos por mais um tempo enquanto contemplavam a vela. Nasira se ajeitou no sofá e quase abraçou Rashid, mas pensou melhor e apenas mudou ligeiramente de posição antes de perguntar, “É você quem tem acendido as velas?” Rashid fez que sim com a cabeça, e então perguntou, “Desde quando

você vem para Ormen, Nasira?” Foi a vez dela de parecer triste, “Desde que me recuperei da surra nas câmaras de tortura de meu pai, tem uns quatorze anos. Achei que vindo aqui entenderia porque você fugiu de mim.” “Não fugi de você”, ele respondeu veementemente, “mas fugi dessa história de casamento arranjado.” Nasira achou que devia ter dito alguma besteira e isso deve ter transparecido isso em sua face, pois Rashid continuou sua explicação, “Não acho certo pessoas se casarem porque outras pessoas escolheram por elas.” Ela riu, “Daqui a pouco você vai me dizer que é um republicano”, e ele respondeu em tom de brincadeira, “Sou um membro da *Guilda Mercante*, dá quase no mesmo.”

Um longo silêncio se seguiu à troça do *Mercador* antes que ele falasse em um tom arrependido, “É muito tarde para eu te pedir desculpas por tudo que te aconteceu?” “Não”, foi a resposta dela, e sua voz denotava todo o cansaço que dezesseis anos de ódio causavam em seu espírito. “Não é tarde”, ela continuou, “mas você não me conhece, nunca se importou em saber como eu estava e certamente não quis saber o que seria de mim quando fugiu.” Rashid se esforçou para transparecer toda a sua real sinceridade, “Se eu soubesse que seu pai faria isso com você, eu a teria levado comigo, e quem sabe até nos casássemos depois de nos conhecermos melhor.” Ele suspirou antes de continuar, “Eu realmente me sinto culpado por sua situação. Queria poder remediar de algum modo.” “Não tem remédio, Rashid”, foi a resposta dela antes de sua frieza ceder a um choro convulso, um choro de tristeza e também de felicidade por ter alguém a tratando como um ser humano.

Rashid a abraçou e murmurou consolos enquanto ela se permitia desabafar todas as dores do peito em seus ombros. Depois de um tempo chorando ela o empurrou e disse entre as lágrimas, “Não, você não sabe o que eu passei.” E continuou, “Meu pai em pessoa arrancou um dos meus rins sem me anestesiá-lo antes, além de esfregar alguns dos meus ossos com golpes de barras de ferro.” Rashid a observava, impotente. “Você é o culpado disso tudo”, ela disse quase gritando enquanto martelava o peito do mercador com os punhos fechados, fraco demais para machucá-lo mas algo incômodo mesmo assim, e depois afundou a cabeça no peito dele enquanto mais lágrimas vinham torrencialmente de seus olhos. Rashid a

abraçou e a amparou enquanto ela chorava. “Eu tinha quatorze anos, Rashid”, ela disse entre as lágrimas, “eu tinha quatorze anos e nenhuma experiência de mundo, pois meu pai não permitia às suas filhas cumprirem a *Primeira Montanha*. Eu me apaixonei por você, que parecia o herói de algum espetáculo de *dhakirats* com suas histórias. E então”, ela fez uma pausa por causa do choro antes de gritar a continuação, “você me abandonou no altar, me abandonou indefesa para a fúria de meu pai!”

De súbito ela deu um tapa na cara de Rashid com todas as suas forças, e o *Mercador* sentiu o gosto de sangue apesar de não ter nenhum dente danificado com o golpe. O rosto dele inchou na hora, o que fez Nasira, médica formada pela academia da Casa al-Basham, esquecer imediatamente sua fúria contra o mercador e assumir uma postura arrependida. “Ah, pelo *Bem-Amado*”, ela disse, “eu não queria, Rashid... Me desculpe, me desculpe mesmo.” A voz de Rashid saiu embarcada pelo inchaço e pelo sangue todo na boca, “Não tem problema, Nasira, eu sei que mereci.” Ela se levantou, pegou a jarra de água de Rashid e arrancou uma das mangas de suas próprias roupas para improvisar algum tipo de curativo. O *Mercador*, acostumado a esse tipo de tratamento e feliz porque não se juntara ao Clube dos Banguelas, cujo presidente era Tariq Shaleesa, não protestou, e deixou que ela tentasse remediar os estragos do tapa.

Totalmente embaraçada, ela perguntou para Rashid depois de terminar os primeiros socorros, “Bem... como era a vida aqui em Ormen?” Ainda se sentindo tonto por causa do tapa, ele se levantou e ofereceu um braço para ela, “Que tal eu lhe contar como era Ormen enquanto andamos pelo palácio?” Ela aceitou a oferta, e durante o resto da noite Rashid fez as vezes de guia turístico enquanto contava a Nasira o que lembrava e sabia das rotinas e segredos do Palácio de Ormen.

* * *

A visita guiada por Ormen durou até o nascer do sol. Rashid mostrou onde ficavam os quartos, a biblioteca, os aposentos e oficinas e escritórios do palácio. Ele mostrou também onde ficava seu próprio quarto, e contou à Nasira a

história do sonho ou visão que teve ali na madrugada em que fugiu. Ela, por sua vez, não se cansava de admirar a grandiosidade daquele palácio, o esmero artístico em cada detalhe de decoração, em cada parede, em cada coisa na qual pusesse os olhos.

Quando ficou claro que Rashid precisava se sentar um pouco, eles voltaram para o salão de baile e se sentaram no mesmo sofá de frente à vela recém-acesa e que arderia ali por mais um ano mais ou menos. “Eu te odeio, Rashid”, Nasira disse friamente e sem nenhum preâmbulo, “eu te odeio por tudo que aconteceu comigo até agora, e te odeio por você continuar a ser um homem interessante e fascinante. Eu te odeio por não conseguir te arrancar do meu peito.” Ela o encarou diretamente e continuou, “Eu tenho que te odiar porque foi tudo que me restou. Jamais conseguirei um bom casamento graças a você. Minha vida não tem mais perspectivas graças a você. Eu te odeio, Rashid.” “Não me odeie”, disse o *Mercador*, “mas odeie nossos pais e o plano que eles fizeram para nós à nossa revelia.” “Você deveria ter aceito”, ela o acusou com um crescendo de raiva na voz. “Preferi ser um homem livre”, ele respondeu calmamente, “tal como você pode ser uma mulher livre. Basta fugir. Eu te levo para Acheon e você se junta a uma das *Guildas*.” A raiva na voz dela deu lugar ao desprezo, “Jamais me rebaixarei dessa forma”, e ele deu de ombros antes de responder, “Então, isso é um problema sexual seu.”

Nasira ficou muda por um tempo antes de choramingar, “Você me odeia, Rashid.” “Não, eu não te odeio”, foi a resposta dele em uma voz monótona, “pois o que eu sei de você é tão pouco que não dá nem para odiar com base nisso.” “Você quer me conhecer melhor então?”, ela perguntou, e ele respondeu que sim com a cabeça. “Quem sabe”, ele disse com alguma esperança, “a gente supere os mal-entendidos e possa até ter alguma amizade.” Nasira assentiu com a cabeça antes de continuar, “Pois bem. Farei com que você saiba quem eu sou, mas não hoje. Meu corpo pede companhia, mas eu não quero isso de você. Meu séquito está na vila aos pés deste palácio, e a doce Karam está quase acostumada aos meus apetites.” Sem cerimônia alguma e ignorando a cara de horror e nojo do *Mercador*, ela se levantou

e fez uma meia medida para Rashid dizendo, “Até mais, Bei Rashid al-Samet ibn Rahimat al-Fashid de Bessain. Obrigada pela noite, e espero poder retribuir o favor em breve.” E então saiu sem aguardar resposta.

Rashid a acompanhou com os olhos. Apesar do corpo e da sanidade mental de Nasira terem sido severamente danificados pelo tempo nas câmaras de tortura do pai dela, ele não poderia negar que ela tinha um remexido de quadris muito atraente para os seus apetites – ainda que provar deles fosse como beijar a boca de uma serpente venenosa.

* * *

Rashid permaneceu mais seis dias em Ormen. Ele dedicou seu tempo a limpar o palácio e fazer os poucos reparos estruturais que estavam ao seu alcance, insuficientes para restaurar a antiga glória e opulência do lugar mas o bastante para conferir um senso de austera dignidade e resignação frente à queda inclemente sofrida não apenas por Ormen como por sua família. O palácio vazio, quieto, fantasmagórico, dominado por correntes de vento, folhas secas e ninhos de passarinhos, era agora um monumento à tolice de seu pai e às suas próprias culpas autoimpostas por conta do sofrimento de Nasira. A vela improvisava uma chama eterna, um memorial imperecível aos acertos e erros dos dois nobres, pai e filho. O *Mercador* não sabia o que esperar de Nasira, enlouquecida pela dor, tortura e sofrimento, mas serenamente aceitava merecer o que quer que ela fizesse contra ele. Os dois eram vítimas de seus pais, vítimas de uma política que sacrificava as felicidades pessoais em nome de coisas abstratas como nobreza, honra e poder, mas era inegável para Rashid que o fardo maior pertencia a ela.

Uma vez terminado seu ordálio pessoal, Rashid retornou para a vila aos pés de Ormen e ali ficou até o anúncio da partida de uma caravana de Bessain para Acheon. Ele não encontrou sinais de Nasira e seu séquito, mas soube dos moradores que a presença da nobre foi considerada incômoda e perturbadora por quase todos eles. Os relatos descreveram-na como uma pessoa amoral, exagerada, dramática e grandiloquente, uma mulher de gostos refinados mas que se entregava a qualquer

prazer em qualquer momento, principalmente se envolvessem suas jovens escravas – quanto mais jovens, mais intensa era a cena. Um *mercenário* local, homem alto e veterano de muitas guerras que se mudou para a vila aos pés de Ormen para se aposentar mas se viu gerenciando os contratos entre os nobres e profissionais liberais locais afiliados à *Guilda*, descreveu ter sentido que Nasira se comportava assim para chocar gratuitamente os moradores da vila, visivelmente mais conservadores que os residentes de Bessain. Algo se apertou dentro de Rashid, como se ele se culpasse por até essa gratuidade das ações de Nasira.

O mercador deixou Ormen para trás ao receber o anúncio esperado em seu *batif*¹, uma espécie de *dhakirat* voltada para transmissão de pequenas mensagens. Receber uma mensagem era algo muito simples no *Sultanato*, ele pensou, mas era quase um pacto com o demônio em outros lugares, nos reinos mais entregues a todo o fracasso que a nobreza trouxera para a humanidade com seus excessos. Usando um outro nome falso e suas habilidades aprendidas ainda na juventude durante sua viagem pela *Primeira Montanha*, ele adquiriu uma passagem para viajar na classe econômica de volta para Acheon, de volta para sua casa, de volta para seus problemas. Antes de embarcar, ele olhou para a direção onde Ormen estaria se a distância não a escondesse para além do horizonte. A mulher que verificava sua passagem, uma senhora de uns cinquenta anos no auge de sua elegância proletária, não pôde deixar de notar a lágrima solitária que rolou dos olhos do homem à sua frente.

Uma simples lágrima, a silenciosa portadora de toda dor, toda culpa, toda a solidão de um homem que apenas queria ser feliz.

¹Pronuncia-se *há-tíf*.

MEUS CONTATOS

- **Bazar Verde:** <https://www.bazarverde.com.br/Lu%20Cavalheiro>
 - **E-mail:** lu.cicerone.cavalheiro@gmail.com
 - **Facebook:** <https://www.facebook.com/lu.cicerone.cavalheiro>
 - **Instagram:** <https://www.instagram.com/lu.cicerone.cavalheiro/>
 - **Itch.io:** <https://lucavalheiro.itch.io>
 - **Loja Kindle:** https://www.amazon.com.br/s?k=%22Lu+Cavalheiro%22&i=digital-text&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5BD%C3%95C3%91&crd=1MOZZGOF3VCP&srefix=lu+cavalheiro+%2Cdigital-text%2C171&ref=nb_sb_noss
 - **Twitter:** <https://twitter.com/luRPGcavalheiro>
-

O conto **Parte V: Um crepúsculo em Ormen: Uma história curta de duas tragédias pessoais em um mundo de fantasia árabe** foi escrito usando o editor de textos *VIM* – *Vi IMproved*, versão 8.2, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>), diagramado usando \LaTeX e compilado usando o comando `lualatex`, versão 1.12.0, disponível nos repositórios oficiais do **Debian Bullseye** (<https://www.debian.org/>).

As fontes utilizadas no corpo do livro foram a *EBGaramond* e *LiberationMono*, ambas disponíveis sob *SIL Open Font Licence*, cujo texto pode ser lido em <http://scripts.sil.org/OFL>, ambas com tamanho base 11pt.

Diagramado, editado e publicado no Brasil